

# A TEMPORALIDADE DO EXISTIR COM CÂNCER

Catarina Aparecida Sales - UEM<sup>\*</sup>  
Márcia Bucchi Alencastre - EERP<sup>\*\*</sup>  
Maria Tereza Scramin Rosa - UEM<sup>\*\*\*</sup>

## Resumo

Neste estudo, minha proposta foi dirigir-me às pessoas portadoras de neoplasias em seu domicílio, buscando em um primeiro momento apreender o significado para os doentes de seu sendo-no-mundo com câncer, e a partir dessa compreensão, projetar novas possibilidades de cuidado a esses seres. A fenomenologia existencial de Martin Heidegger permitiu-me uma aproximação da existencialidade do doente, contemplando suas vivências com a doença. Para tal, realizei várias visitas aos sujeitos, antes e após a entrevista. A partir dos discursos e de minhas observações feitas durante as visitas, conduzi-me a uma compreensão das percepções dos pacientes sobre o estar-no-mundo com câncer. Assim ao compartilhar a facticidade existencial dos doentes com neoplasia maligna, durante minha pesquisa de doutorado “O cuidado no cotidiano da pessoa com neoplasia: compreensão existencial” constatei que ao descobrir-se no mundo com câncer o mesmo expressa em sua linguagem um movimento de ir e vir enredado nas três *ek-stases* temporais analisadas por Martin Heidegger. Assim, exponho neste artigo a compreensão existencial de um depoimento, que ao meu ver, transmite toda plenitude da análise existencial heideggeriana.

**Palavras-chaves:** cuidados domiciliares de saúde; acontecimentos que mudam a vida; oncologia.

## Abstract

In this study, my proposal was to direct myself to people who carry neoplasia at their dwellings, aiming, in the first instance, to understand the meaning of the being in world with cancer to the ill, and from this comprehension, to project new care possibilities to these beings. Martin Heidegger's existential phenomenology allowed me to approximate myself to the ill person's existentiality, contemplating his experience with the disease. For that, I accomplished several visits to individuals, before and after the interview. From the speeches and my observations fulfilled during the visits, I conducted myself to A comprehension of the ill perceptions of being in the world with cancer. Like this when sharing the existential fact of the patients with evil neoplasm, during my doctorate research “The care in the daily of the person with neoplasm: existential understanding” verified that when being discovered in the world with cancer the same expresses in your language a movement of to go and to come entangled in the three temporary *ek-stases* analyzed by Martin Heidegger. Like this, I expose in this article the existential understanding of a deposition, that to mine to see, it transmits knowledge of the analysis existential heideggeriana.

**Keywords:** home care of health; happen to change the life; oncology.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>\*</sup> Doutora em Enfermagem, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem, da Universidade Estadual de Maringá. Email: casales@uem.br

<sup>\*\*</sup> Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

<sup>\*\*\*</sup> Enfermeira, Especialista em Enfermagem do Trabalho, Mestranda em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá.

Em sua obra *Ser e Tempo* (parte II), o Ser-aí e a temporalidade, Heidegger (1997) expõe a interpretação do homem autenticamente existente, isto é, o Ser-no-mundo em sua temporalidade, “Ser para o Ser-aí é ser temporal”. (BOUTOT, 1991, P.38).

O homem é ao mesmo tempo ator e autor de sua própria história. Ao estar no mundo torna-se um realizador de seus projetos; planejar faz parte de seu existir cotidiano, o que quer dizer que, como um ser existente e pensante, o homem é capaz de planejar seu tempo no mundo. Nesse prisma, desenvolve suas obrigações e diversões, acreditando sempre em um porvir. Não obstante, ao descobrir ser um Ser-para-a-morte, se entristece perante a possibilidade do não pensado, do não-planejado, ou seja, a mais inevitável de suas certezas, a morte. (SALES, 2003, P.95).

...Morrer se manifesta ao Dasein, como sua possibilidade mais insuperável (uma vez que não pode ser evitada), a mais pessoal (posto que a morte me reduz ao meu puro eu mesmo), a mais irracional (visto que me interrompe todas as relações com outras possibilidades). (WELLMER, 1986, P.128).

Ao constatar essa verdade absoluta, o Ser-aí percebe ser um ser-para-a-morte e, essa antecipação da morte insula o Ser-aí nele próprio e força-o a assumir o seu estar-lançado-no-mundo. Para Heidegger a expressão estar-lançado-no-mundo indica a facticidade de ser entregue à responsabilidade do que é e tem de ser. Entretanto, no pensar heideggeriano essa possibilidade iminente da morte, que traz ao homem sentimentos de temor e angústia, lhe desperta também a consciência para a sua possibilidade ontológica de um poder-ser total e autêntico, pois antecipando previamente sua morte, o Ser-aí pode passar a existir autenticamente em vista de si próprio.

O pensador mostra que na decisão antecipativa, ou seja, na forma originária e autêntica do cuidar, o homem desvela todo o seu poder-ser, sendo que esse poder-ser manifesta-se em uma constituição temporal. É uma temporalidade primitiva que se temporaliza conforme três ek-stases ou etapas; o porvir (futuro), o vigor de ter sido (passado) e a atualidade (presente). “A temporalidade desentranha-se como o sentido da cura propriamente dito”. (HEIDEGGER, 1997, P.120).

Nessa perspectiva, o futuro não representa um conjunto de eventualidades que ainda não ocorreram, mas o movimento pelo qual o Ser-aí, ao preceder-se-a-si mesmo, prevê antecipadamente a sua morte, e se projeta perante si próprio e se abre ao seu poder-ser, ou seja, na possibilidade que o mantém, o cuidado. Apreendendo, assim, ser um ente-para-a-morte, o Ser-aí se percebe lançado no mundo e vivenciando a facticidade de sua existência. O movimento pelo qual ele faz o retorno ao seu estar-lançado constitui o passado. Segundo Heidegger (1997), é projetando-se em direção à possibilidade mais própria que o homem pode avistar e assumir o seu estar-no-mundo, “realizando-se e aperfeiçoando-se no tempo real de sua vida, baseando-se em sua temporalidade”. (CROSSETTI, 1997, P.76).

A última ek-stase da temporalidade é o presente. Não representa o momento atual da temporalidade coloquial, mas como um existenciário, indica o movimento pelo qual o Ser-aí, projetando-se para o seu poder-ser mais próprio e assumindo seu existir-no-mundo, descobre um mundo que é seu, isto é, sua própria situação. A presentificação do presente autêntico pelo homem Heidegger denomina is-stante (Augenblick), o momento em que ele se torna livre para vivenciar seu mundo e descobrir as possibilidades para enfrentar a situação.

Ao compartilhar a facticidade existencial dos doentes com neoplasia maligna, durante minha pesquisa de doutorado “O cuidado no cotidiano da pessoa com neoplasia: compreensão existencial” constatei que ao descobrir-se no mundo com câncer o mesmo expressa em sua linguagem um movimento de ir e vir enredado nas três ek-stases temporais analisadas por Martin Heidegger. Assim, exponho neste artigo a compreensão existencial de um depoimento, que a meu ver, transmite toda plenitude da análise existencial heideggeriana.

## O CAMINHO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa na linha da fenomenologia existencial de

Martin Heidegger. Em sua obra, o autor analisou como o ser humano vivencia suas experiências á medida que toma consciência do seu estar-lançado-no-mundo. Assim, “caminha de uma fenomenologia hermenêutica do ser humano para uma ontologia fundamental do Ser-aí”.

Este estudo foi desenvolvido no domicílio de doze doentes com neoplasia maligna na cidade de Maringá situada no noroeste do Paraná, no período de dezembro de 2002 a março de 2003. Para a apreensão do fenômeno interrogado, voltei ao Ser que vivencia o câncer, para tentar desvelar facetas de suas experiências como portador de neoplasia. Assim, optei por encontros e entrevistas, gravadas ou não, e pela observação de seu existir com câncer, em seu cotidiano domiciliar. A meu ver, a descrição de suas experiências deve envolver pensamentos, sentimentos e ações sobre a realidade vivida, nessa visão, partindo de minhas inquietações, inquiri os depoentes com a seguinte questão norteadora “Como está sendo para você lidar com o câncer e seu tratamento em sua residência?”.

Ressalto que as entrevistas ocorreram após a aprovação deste estudo pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa que Envolve Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, como determina a Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Ministério da Saúde, que trata de diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos.

## **COMPREENDENDO A EXISTENCIALIDADE TEMPORAL DO SER-AÍ COM CÂNCER**

No capítulo quarto de Ser e Tempo (parte II), temporalidade e cotidianidade, Heidegger investiga os existenciais básicos a compreensão, a disposição e o discurso à luz da temporalidade. Dessa forma, descrevo a minha análise compreensiva da linguagem do sujeito acompanhando seu ir e vir dentro desses existenciais.

### **Compreensão**

Na visão heideggeriana examinada existencialmente na temporalidade, a compreensão funda-se no futuro, ou seja, depreendendo sua facticidade, o Ser-aí projeta-se num poder-ser próprio, isto é, para frente de si mesmo, vislumbrando um “*mallum futurum*”.

Heidegger (1997) alude também que, ao projetar-se, o Ser-aí não compreende de imediato sua situação como algo real em sua existência, mas lança-se à possibilidade do sim ou do não. Nesse sentido, apreendo na linguagem do doente que estar com câncer é algo inicialmente incompreensível, que o leva a buscar em um voltar-a-si o porquê de sua fatalidade. Nessa perspectiva, pontuo a seguinte fala.

Tenho 55 anos e estou com metástase óssea, no esterno descoberta há três meses. Já fiz duas sessões de quimioterapia e ainda estou surpresa e bastante assustada com o retorno do câncer. Por que esta doença novamente? Qual a causa do câncer? Ele não foi bem tratado da primeira vez? Ou ele está relacionado com alguns sentimentos e/ou padrões que ainda não consegui entender. (us1)

Nesta unidade a doente inicia descrição expondo sua situação atual, a perplexidade em vivenciar novamente o câncer em sua existência. Questiona o porquê do retorno da doença, doença essa que suscita sentimentos de sofrimento que ela não consegue entender, mas a preocupam e assustam.

Como da primeira vez, também agora chegar ao diagnóstico foi muito difícil. Mais uma vez, estou me sentindo só, sem conseguir estabelecer uma interlocução verdadeira com os médicos que estão me tratando, para que eu possa saber sobre minha real situação e dividir minhas dúvidas e angústias. (us2)

Por que é tão difícil essa relação médico-paciente, principalmente na

oncologia? Será que os médicos sentem a mesma angústia e medo que nós pacientes sentimos? Será que eles se protegem através do silêncio? Será que o diálogo aberto e franco entre médicos e pacientes não ajudaria a afastar muitos dos fantasmas que envolvem essa doença? Será que a franqueza, a humanidade, o querer ser tratado como uma pessoa que está lutando pela sua própria vida e não como uma doença, não seria um fator facilitador na cura. (us3)

Na unidade 2, quando a doente diz “*como da primeira vez*”, observo que descreve sua temporalidade existencial com o câncer, em princípio, não um tempo cronometrado pelo relógio, mas sim o tempo de seu existir com câncer. Demonstra pesar ao constatar que novamente suas queixas foram ignoradas pelos médicos. Sente-se só e frustrada por não conseguir um diálogo autêntico com as pessoas que cuidam de sua saúde, pois deseja compartilhar suas dúvidas e angústias.

Na unidade de significado 3, entrevejo um Ser a buscar respostas, que interroga a si mesma e nesses questionamentos manifesta todo o sentimento que traz no âmago de seu ser. Nas interrogações da depoente, visualizo a tentativa de mostrar aos profissionais da saúde o caminho para assistir o doente com câncer.

### **Disposição**

A disposição ergue-se sobre o passado, Heidegger (1997) refere que a disposição caracteriza-se no humor ou afetividade, representando os modos como o homem se expressa ao mundo em seu ter-sido-lançado. Nessa análise temporal do humor o autor patenteia o temor e a angústia.

O significado existencial e temporal do temor constitui-se de um esquecimento de si mesmo. O temor proporciona o afastamento do Ser-aí do seu poder-ser mais próprio e, nesse esquecimento, ele não se reconhece mais em seu mundo circundante, retraindo-se ao passado e não visualizando as várias possibilidades ao seu redor, pois, no temor, o homem perturba-se diante do mundo, tornando-se aflito e conturbado.

Tudo começou há dez longos anos atrás, quando eu tinha 46 anos e muitos sonhos, muito amor pela vida e energia para enfrentar as dificuldades da vida. Numa noite do mês de outubro de 1992 eu senti uma coceira na mama esquerda e me toquei, meus dedos sentiram a presença de um nódulo. Foi um susto enorme! Afinal há um ano eu vinha consultando com vários ginecologistas, queixando-me de mudanças no meu organismo, principalmantedor forte na mama no período pré-menstrual... Todos os médicos afirmavam que não era nada, que provavelmente era coisa da minha cabeça, não pediram nenhum exame, particularmente, a mamografia que na época seria fundamental. (us4)

Nesse momento o sujeito volta-se ao passado e inicia o relato de seu existir-no-mundo com câncer, entremostrando sua temporalidade com a doença, que começa com a descoberta do nódulo e o descaso dos médicos em relação ao seu problema de saúde. Mostra-se indignada, pois apesar de expor aos médicos que sentia mudanças em seu corpo, esses fatos foram totalmente ignorados, sob a alegação de que eles eram apenas percepções de sua cabeça.

Foi então que uma amiga levou-me a outra cidade para que eu me consultasse com seu ginecologista que era também oncologista... Na primeira consulta este médico já deu o diagnóstico de câncer. Entrei em desespero, chorei muito até mesmo no consultório. (us5)

Atentando-me para a fala da doente, noto que a névoa da possibilidade de estar com câncer persistia. Contudo, o temor despertou-lhe também a responsabilidade de buscar a

concretude do sim ou do não. Mais adiante transmite seu sentimento de dor ao receber a confirmação do diagnóstico “*entrei em desespero, chorei muito até mesmo no consultório*”. Tal afirmativa pode sugerir que, apesar de sentir em seu corpo as transformações advindas de um tumor maligno, a comprovação de um diagnóstico positivo não era algo esperado.

Após o resultado tive três dias para fazer os exames pré-operatórios e submeter-me à cirurgia. Este foi um momento de muito sofrimento, em parte, pelas minhas angústias e inseguranças pessoais, e também pela desumanidade e despreparo que encontrei no corpo médico e de enfermagem. (us6)

Descreve seus sentimentos em relação à cirurgia, manifestando os temores oriundos de seu próprio existir-aí com câncer e aqueles provenientes da desumanidade e despreparo da equipe de saúde. Expressa pesar ao perceber que os entes responsáveis pelo cuidado não demonstraram o menor interesse por sua dor.

Os fatos ocorridos há dez anos, até hoje me fazem sofrer muito e me deixam com muitas interrogações em relação à medicina e o encontro médico/paciente... Na época eu não consegui submeter-me a quimioterapia, pois o primeiro oncologista que procurei disse-me que eu poderia ter um choque anafilático. Então, eu lhe perguntei: o senhor está me oferecendo morrer agora de um choque anafilático, ou tentar viver mais um pouco e morrer da doença. (us7)

Embora tenha procurado ouvir outras opiniões em São Paulo e Campinas, não consegui vencer o medo e por isso não fiz a quimioterapia. Este fato terá sido determinante na formação da metástase óssea atual? (us8)

Revela, em sua descrição, a tristeza que carrega consigo ao relembrar sua vivência com câncer e traz para o momento presente suas inquietações sobre o relacionamento médico/paciente, inquietações essas que a meu ver marcaram seu existir doente. Mais à frente revela sua dificuldade em realizar o tratamento indicado na época, deixando transparecer em sua linguagem a indignação pela comunicação inautêntica do médico “*o senhor está me oferecendo morrer agora de um choque anafilático ou tentar viver mais um pouco e morrer da doença*”. Essa expressão mostra o estado de perplexidade perante sua situação, na qual a morte parece algo inevitável, não conseguindo ela visualizar um horizonte para seguir.

Examino na unidade de significado 8 que o choque descrito na unidade anterior transformou-se em medo, pavor, e, apesar de consultar outros especialistas, não conseguiu fazer a quimioterapia, o que hoje surge em sua existência como a névoa da dúvida: se tivesse se tratado adequadamente o câncer teria ressurgido?

### **Angústia**

Na analítica do Ser-aí, Heidegger considera a angústia uma possibilidade ontológica que revela o horizonte ôntico do homem como ente. Não obstante, esse mostrar-se do Ser-aí advém de sua abertura ao mundo, com disposição e compreensão, pois a angústia surge do próprio homem, á medida que este se percebe ser um ser-lançado-para-a-morte. O filósofo menciona ainda que a angústia não desentranha um ser aflito e conturbado como o temor, ao contrário, libera o Ser-aí de suas possibilidades nulas, tornando-o livre para assumir as possibilidades concretas de seu existir.

Contudo, nestes dez anos procurei retomar minha vida, cuidar de meu marido e filho e, especialmente, procurar conhecer-me um pouco mais através da vida espiritual, de terapia e de leituras. Mas acima de tudo permaneci amante da vida com muitos projetos pessoais, os quais

consegui realizar com muito êxito.(us9)

Nessa unidade noto que a doente inicia seu processo de resignação ante sua doença ressaltando a importância de cuidar de si e de sua família e, principalmente, de buscar caminhos para se reencontrar com o mundo e consigo mesma. Manifesta também em sua fala que apesar de todo o sofrimento, sente amor pela vida e encontra em seus projetos pessoais a razão para transcender seu próprio medo e lutar.

### Discurso

Em seu sentido temporal o discurso desenvolve-se na atualidade. O homem, em seu sendo-no-mundo, não apenas é e está num mundo, mas também se relaciona com outros entes nesse mundo. Em seu cotidiano o Ser-aí se envolve tanto com os utensílios que lhe estão á mão para sua ocupação como com outros Seres-aí que vêm ao seu encontro.

O Ser-em, para Heidegger, é concebido como Ser-dentro, Isto é, o homem compartilhando seu viver com outro ser humano dentro do mesmo espaço. A esta abertura do homem, ao relacionar-se com o mundo, Heidegger denomina de claridade do Ser-aí, sendo basicamente nessa claridade que se torna possível qualquer visão. Para o filósofo, a visão é um modo fundamental de abertura do Ser-no-mundo, ou seja, “é um modo próprio de apropriação genuína dos entes com os quais o Ser-aí pode se comportar e assumir suas possibilidades ontológicas essenciais”.

Criei novas relações de amizade. O amor da minha família e o carinho de amigos ajudou-me a viver estes dez anos após a cirurgia do câncer... Esperava ansiosa o mês de outubro para comemorar definitivamente minha vitória sobre o câncer. Posso dizer que ainda estou em estado de choque com o diagnóstico de metástase óssea.(us10)

Percebo nesta unidade que o sujeito se manifesta aparentemente sereno perante os fatos ocorridos. Expõe a importância da presença dos entes amigos em sua vivência com câncer e lembra também que o amor de seus familiares foi imprescindível em sua luta para vencer a doença. Contudo, no final de sua fala percebo um Ser em decaimento ante o diagnóstico de metástase óssea. Novamente o câncer manifesta sua existência, quando estava vivenciando a felicidade de tê-lo vencido.

Sofri e estou sofrendo intensamente com tudo isso. Afinal, me pergunto, por que passar por tudo de novo? Mas apesar da dor, o sofrimento está sendo menor do que foi há dez anos atrás. Pois aprendi com minha própria experiência que estar com câncer não é necessariamente uma sentença de morte. (us11)

O homem, ao estar-no-mundo, vive as possibilidades existenciais inerentes à própria condição humana. Neste pensar, quando a doente indaga “*por que tenho que passar por tudo de novo*”? apercebo-me de todo o seu desgosto ao saber que outra vez está com câncer, e justamente quando acreditava estar curada da neoplasia de mama. Contudo observo um Ser doente que procura agarrar-se a sua situação, não com desânimo, mas sim, como desafio ao seu existir-aí, enfatizando que estar com câncer não é necessariamente uma sentença de morte.

Pode-se lutar para vencer o câncer e hoje conheço muitos outros recursos dos quais eu não tinha conhecimento há dez anos atrás... E hoje também, meu esposo e filho têm mais condições de me apoiarem, pois meu marido está melhor de seus problemas emocionais e meu filho é uma pessoa maravilhosa; entretanto durante esses anos os dois ajudaram me amando muito como sempre... Além deles tenho recebido o apoio dos meus irmãos e pais. (us12)

Compreendo nesta unidade que a doente sente-se fortalecida pelos conhecimentos e amadurecimento desenvolvidos nesses dez anos. Visualiza hoje uma situação diferente para enfrentar a doença, quando ela deixa transparecer em sua linguagem que no momento atual pode dividir melhor suas angústias com seu filho e marido. Menciona o carinho dos pais e irmãos, sentimentos esses que a fortalecem para superar os momentos difíceis. Entendo que o viver com câncer é compartilhado, transmitindo-lhe harmonia interior. Em minhas visitas notei sua tristeza e, principalmente, a vergonha de mostrar-se às pessoas, enfatizando sempre que gostaria de não ouvir comentários. Todavia, nesse período percebi sua imensa vontade de viver, procurando depositar todos os seus sentimentos nos recursos aprendidos.

Têm sido muitas as manifestações de apoio e carinho. Meus amigos e alunos têm mantido minha casa florida. Descobri que sou amada por essas pessoas, consegui criar laços efetivos e verdadeiros. Tudo isso tem sido um grande estímulo para eu enfrentar a doença e procurar superá-la. (us13)

Menciona as manifestações de carinho dos amigos e alunos, descobrindo as alegrias de ser amada, de compartilhar as emoções. Apreendo que estar com outros entes em uma relação autêntica, isto é, uma relação de afetividade e atenção é o esteio para avigorá-la no enfrentamento da doença.

Os profissionais com os quais me relaciono neste momento são qualitativamente diferentes dos que encontrei há dez anos. Todos estão me tratando com respeito. Penso que uma pessoa, para enfrentar o diagnóstico de neoplasia, acima de tudo deve sentir-se amada. Se isto ocorresse certamente a cura se tornaria mais provável. (us14)

Na unidade 14, o sujeito faz referências aos profissionais de saúde que lhe dão assistência no momento atual, mencionando que agora é tratada com carinho e respeito. Acredita que a solicitude dispensada ao indivíduo com neoplasia contribui para sua recuperação.

Encaro este depoimento como parte da minha luta. Não foi fácil escrevê-lo e me defrontar novamente com tantos sofrimentos, tantas emoções. Mais sinto que era preciso fazer isso para que esses sofrimentos e essas emoções possam ser apagadas do meu corpo emocional e eu possa começar a vibrar na energia da vida. (us16)

Nesse momento, expõe as dificuldades encontradas para relatar sua vivência com o câncer. Volta ao passado e descortina uma trajetória de dor e sofrimento, sentindo que as emoções do passado ainda estão vivas em seu presente “*Mas sinto que era preciso fazer*”. Compreendo nessa fala uma necessidade aprisionada há anos, mas que precisava ser libertada, para que o Ser doente pudesse entregar-se à vida. Em nossos diálogos durante as visitas ela relatava-me que chorava muito ao escrever seu depoimento e que as lembranças eram muito dolorosas. Mas, após escrever seu depoimento, observei em outras visitas que resgatar as lembranças guardadas foi algo importante no atual momento vivenciado por ela. O efeito catártico desse desvelamento trouxe-lhe calma e tranquilidade.

### **Reflexões sobre o estudo**

Retomando minha interrogação, visualizo um caminho sempre inacabado, onde o reaprender é imprescindível. Das inquietações do passado, vejo-me envolta pela esperança do presente, a qual se revela como a essência de um fazer que emergiu ao longo do tempo. Concebo um horizonte de novas possibilidades de estar-com, na compreensão de que o encontro do ser cuidado com o cuidador envolve um horizonte que conduz à compreensão do sentido de existir no mundo. É esta dimensão do sentido que, ao ser questionada, possibilita a auto

percepção e o crescimento e, no caso específico do cuidado, o aprendizado.

Ao apropriar-me do fenômeno **cuidado**, visualizo a evidência de ser ele uma forma de o homem estar em relação com outro ser em um determinado tempo e espaço existencial. É neste modo de ser-uns-om-os-outros no mundo que o cuidado se manifesta como uma possibilidade de preocupação do Ser consigo mesmo, capacitando-o a preocupar-se também com o Ser dos outros.

Assim, ao se indagar o Ser-aí sobre sua vivência com o câncer e o tratamento domiciliar o cuidado emerge envolvido na disposição à solicitude. Na percepção heideggeriana, o Ser-aí é o Ser que compreende seu próprio ser e o outro Ser-no-mundo em sua existencialidade. É nessa existencialidade que o homem com neoplasia desvela seu primado ôntico-ontológico.

Nesse pensar, ao adentrar-me no mundo do Ser-aí com câncer, busquei não apenas vislumbrar a pessoa doente, mas compreender o Ser em sua existencialidade. E assim, durante meses aproximei-me de seu existir, compartilhando com ele sua facticidade. Ouvi sua voz, seu riso e, em muitos momentos contemplei suas lágrimas rolares em silêncio. Senti sua dor, mas também visualizei sua esperança.

Nesses encontros apreendi que, em seu estar-no-mundo, o tempo cronometrado é o tempo de seu existir com a doença. E nesta vivência, esse tempo experienciado é o aspecto fenomenal mais imediato da temporalidade. Nesta situação ele manifesta seu modo de conviver com a doença, pois, como um Ser ôntico-ontológico, o homem desvela aos entes ao seu redor as necessidades que abarcam suas prioridades ôntico-ontológicas.

Na linguagem do sujeito entendi que, ao descobrir-se no mundo com câncer, o Ser-aí passa a viver em um outro mundo, onde a possibilidade da morte revela-se de forma inevitável e concreta. E nesta situação o doente não apenas almeja o cuidado com sua doença, com seu corpo físico, pois os mesmos deixam de ter tanta relevância, mas anseia também por manifestações de solicitude que contemplem o seu existir doente. Dessa forma, os cuidados com a alimentação, a higiene e o controle dos sintomas relacionados com a doença são importantes. Contudo, esses cuidados não devem ser ministrados como técnicas isoladas, e sim, engajados numa relação de estar-com-o-outro de forma autêntica, considerando a singularidade de cada pessoa doente.

Na concepção da depoente, percebi que o cuidado também se manifesta através da linguagem, pois eles exprimem o desejo de compreender sua situação pelo diálogo, bem como compartilhar seu pensar com outras pessoas. Para eles o cuidado deve expressar um viver harmônico, em que cada Ser compartilha seu pensamento e sentimentos num processo de reciprocidade, onde o falar e o ouvir surgem como forma de cuidar. “Quando ouvimos atentamente as palavras, escutamos chamados que nos avizinham”.(BUZZI, 2004,P.209).

Nessa perspectiva, observei que a essência do viver com câncer não é vislumbrada pelos Seres cuidadores, uma vez que o mundo vivenciado por eles em seu existir cotidiano permanece esquecido, enredado em seus conflitos e inquietações, e que, na maioria das vezes, eles não são percebidos pelos entes que deles cuidam. E é nesse mundo que o doente percebe sua enfermidade como uma deterioração de sua autonomia, de seu auto cuidado e de sua individualidade. Assim, é de vital importância que a conduta do Ser-aí cuidador seja cuidar do doente a partir das percepções que este tem da situação vivida, e não somente a partir de sua própria experiência. Pois esta, na maioria das vezes, está envolvida pelo contato que o cuidador mantém com o mundo circundante em que vive e no qual a humanidade muitas vezes é esquecida.

A meu ver, as falas analisadas, mostram um aparente distanciamento dos Seres cuidadores, em alguns momentos, o “não saber” lidar com a situação, o não querer ver, sentir e ouvir para não se envolver com o sofrimento do outro, pois eles sentem-se impotentes para ajudar. Não obstante, em outras ocasiões mostra-se como uma forma de desconsideração com o doente em sua facticidade; significa não querer resolver algo possível de solução, não buscar compreender o tempo do Ser com neoplasia, pois a temporalidade está imbricada no existir do Ser-aí. Cabe ao ser cuidador descobrir, na solicitude, que o tempo se insere em suas possibilidades de ser-com.

Pois, em sua mundaniedade o doente traz em si o medo do isolamento e a possibilidade de não poder mais participar da vida social. Ele teme o deterioramento físico e a perda da



capacidade indispensável para executar seus afazeres, o que implicitamente é considerado por ele como um ataque a sua dignidade pessoal, pois pode provocar uma perda da capacidade de atender às solicitações dos entes envolvidos em seu mundo circundante. Ele teme principalmente, o desrespeito, a humilhação, e a curiosidade dos entes que vêm ao seu encontro. “É em razão da temporalidade que a solicitude pode desenvolver-se enquanto consideração e paciência, como também manifestar-se como desconsideração e negligência”. (CRITELLI, 1981, P. 70).

Essas concepções reveladas pelos doentes sobre seu sendo-no-mundo com câncer conduziram-me a refletir se os projetos desenvolvidos, principalmente na cidade onde atuo como enfermeira e docente universitária, para assistir a população doente em seu domicílio, incluindo os pacientes com neoplasia, realmente contemplam as necessidades de cuidados, para além da visão biológica. Pude distinguir em suas falas que, apesar de alguns cuidadores mostrarem-se interessados em prestar-lhes cuidado, falta o envolvimento autêntico e a disposição para estar-com-eles, buscando visualizar o Ser que vivencia a experiência da patologia.

A meu ver, uma reorganização do sistema de saúde deve abranger uma assistência adequada aos enfermos com neoplasia. Sendo também, necessário a implementação de programas de capacitação e educação continuada dos profissionais da saúde em cuidados paliativos, pois estes têm como finalidade principal proporcionar ao doente e sua família melhores condições físicas e emocionais para enfrentar as dificuldades da doença.

DE Simone (1990, P.3) reforça essa idéia ao expor que a dimensão do sofrimento associado ao câncer demonstra a necessidade em desenvolver uma assistência científica e humanística, que permita às equipes e instituições de saúde uma resposta mais eficiente aos problemas dos doentes.

## REFERÊNCIA

BOUTOT, A. Introdução à filosofia de Heidegger. Portugal: Publicações Europa-América, 1991. 135 p.

BUZZI, AR. Introdução ao pensar. 31.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 230 p.

CRITELLI, D. M. Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 1996. 140 p.

CROSSETTI, M. G. O Processo de cuidar: uma aproximação a questão existencial na enfermagem. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

DE SIMONE, G. Medicina y cuidados paliativos – “cuidar más allá de cura”. In: CURSO INTRODUTÓRIO DE CUIDADOS PALIATIVOS E PSICO-SÓCIO-ONCOLOGIA: I módulo, 2000, Londrina. Buenos Aires: Pallium. Servicio de información y Centro de Estudios em Medicina Paliativa, 2000, não paginado.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Parte II, 262 p.

SALES, C. A. O cuidado no cotidiano da pessoa com neoplasia: compreensão existencial. 2003. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WAELEHNS, A. **La filosofía de Martin Heidegger**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1986. 172 p.

---

Catarina Aparecida Sales E-Mail – casales@uem.com.br

Márcia Bucchi Alencastre

Maria Tereza Scramin Rosa